

e o que era o professor naquelle tempo.

Rousseau

O sr. dr. Mario Casanata estudou, em seguida, a vida torturada e aventureira de Jean Jacques Rousseau, e a sua obra fecunda de ensinamentos, no que se refere á educação, o desenvolvimento da educação.

1.º Acompanhou-o desde o nascimento em Genebra, a sua orfandade, o seu crescimento, a sua passagem por muitos empregos, a sua ascensão através das varias camadas sociais, pelas cabanas e pelos palácios, os seus graves defeitos, as suas grandes quedas e as suas grandes virtudes.

Assignalou a influencia preponderante que tem tido na educação de nossos dias e a clara comprehensão que teve dos mais palpitantes problemas de ensino. Affirmou que o *Emilio* foi um acontecimento social de primeira ordem e que, si alcançou os anathemas da igreja, a perseguição juridica e o ataque de uma grande parte dos intellectuaes do tempo, conseguiu, por outro lado, ser traduzido do duas vezes immediatamente em Londres e teve da parte dos pensadores e pedagogos do mundo, sobretudo dos allemães, uma acolhida que nenhum outro livro teve. Schiller lhe chama novo Sócrates. Kant assevera que o *Emilio* o agitou profundamente. Jean Paul Richter não encontra no passado livro que se lhe compare.

Gröthe nelle vê "o Evangelho da Educação".

A influencia de Rousseau faz-se sentir mais vivamente em nossos dias, como nos Estados Unidos, por exemplo; cuja orientação pedagogica comprehende os preceitos basilares por elle concebidos. Da vida de Rousseau e de sua significação em seu tempo, e nos tempos que se lhe seguiram, passou o dr. Mario Casanata a estudar as características de seu sys-

tema de educação, commentando os seus defeitos e as suas virtudes.

Principaes defeitos:

- 1) Dividiu a vida de Emilio em varias partes, nitidamente separadas, reservando á phase de um a doze o desenvolvimento physico, de doze á quinze o desenvolvimento intellectual, de quinze á dezoito o desenvolvimento moral, etc. Ora, o desenvolvimento das funções, quer psychicas, quer physicas, deve ser harmonico e simultaneo; não obstante preponderar, por exemplo, o desenvolvimento physico na primeira phase, o intellectual e o moral depois.

- 2) O horror á sociedade e a separação da familia, como contrarias á natureza. Provocou que tanto a sociedade como a familia são por iguel productos da natureza, não merecendo, portanto, o anathema de Rousseau.

- 3) A inferioridade attribuida á mulher.
- 4) O excesso de observação directa e o desprezo absoluto da erudição, que é parte integrante da educação. Quando Montaigne affirmava que antes se deve ter uma cabeça judiciosa do que uma cabeça cheia, não prega a renuncia integral da instrução, que muito contribue para bem formar uma cabeça.

Principaes virtudes:

- 1.º) A educação encarada como desenvolvimento integral do ser humano.

- 2.º) A preocupação de formar, antes de tudo, um homem e não um medico, um artista, um sacerdote, um politico, etc.

- 3.º) O estudo da psychologia infantil, como base de todo o ensino. E' expressa a sua recomendação: "Comece, por estudar os vossos alumnos".

- 4.º) A preocupação de fazer com que a infancia seja integralmente vivida e não intrusão de qualquer estudo, livresco, e de informações, que só interessam aos homens na idade infantil.

- 5.º) A importancia do desenho, dos trabalhos manuaes e o desprezo da grammatica.

- 6.º) A disciplina dos sentidos.

- 7.º) O interesse dos estudos.

- 8.º) Guerra á disciplina formal, ao ensino de palavras, em lugar de coisas, á superficialidade, e ao excesso de materias dos programas.

O *Emilio*, accentua o orador, é uma obra prima traçada por um homem de genio e deve ser lida, com cuidado e escrupulo. Nella ha uma parte de fantasia e um punhado de paradoxos fceis de se perceberem e o proprio Rousseau se nega, no que tem de falho, em suas varias obras. Mas ha tam-bem um conjunto de grandes preceitos que viverão, através dos se-culos, porque têm o sinete da verdade, que é o unico poder que pô-de dar immortalidade ás idéas.

Christianismo — Renascença

dr. Mario Casanata, sr. dr. Ma-

rio Casanata, inspector geral da Instrução, asseverou que esse conceito só chegou á sua plenitude de como advento do christianismo.

Na verdade, só o christianismo é que trouxe aos homens a verdadeira razão da humanidade, não fazendo distincção entre os indig-nos e attribuindo-lhes iguaes direitos e deveres, sejam elles de diferentes cores, raças ou sexos. Além disso, é um de seus dogmas a perfectibilidade humana, isto é, que todos os homens são suscepti-veis de aperfeiçoamento, venham donde vierem e estejam onde es-

tiverem, desde que para isso se esforcem. A *élite* da humanidade é constituída de figuras vindas de todas as camadas sociais, e dos officios mais rudes, e nella têm lugar Epicteto, e Esopo, que eram escravos.

Tratou da pedagogia de Christo e assignalou-lhe rapidamente os caracteristicos. Affirmou que uma doutrina tão elevada, tem sido adulterada e modificada, através dos tempos, della tendo-se apoderado a politica, a ignorancia, o fanatismo, e arrancando-lhe aquellas qualidades primitivas, que fazem do Christianismo a doutrina humana por excellencia. Não é um estatuto para o céu: é estatuto para a terra, para triumphar sobre as difficuldades da vida. E' o melhor meio de se viver entre os homens.

Explicou, em traços geraes, a idade media e os dez seculos de somno, da humanidade, asseverando que de facto houve estagnação, em que pese a poderosa e brilhante corrente de de-sabios, que pensava o contrario. Realmente, o phenomeno Renascença deve ter as suas causas dentro da idade media, o que prova ter havido actividade. O que o orador contesta é que essa actividade tivesse o mesmo rythmo da era anterior e posterior. Caminho, mas muito pouco para os dez seculos transcorridos.

Na Renascença, estudou em largos traços a vida e a obra de Erasmo, de Rabelais, e de Montaigne. Acha que nestes dois ultimos se contém um tratado admiravel de educação e principalmente no que se refere á cultura intellectual; Montaigne não foi ainda ultrapassado. Ninguém, como Montaigne, olhou tão sabiamente para as informações dos livros, as quaes de nada valem diante da cultura do julgamento, que deve ser toda a preocupação dos educadores.

Passa, depois, a estudar Bacon e a extraordinaria influencia que

"baptizado, in eis: chamado. Anteriormente, foi comemorado o anfitrião, foram contraindicações casais. No provérbio "não é com vinda, que se apaziguam as coisas", esta voz passiva claramente expressa. Neste e em casos semelhantes, o pronome é parte integrante do verbo, não serve de adjuncto, mas de particula apassivadora.

Talvez que sejam os mais conhecidos os verbos pronominaes reflexivos: *eu me machuquei*, *tu te enganaste*, *elle se feriu*, *ella albanou*, *se ao espelho*. Outros exemplos: "Quem terra e se entende, a Deus se encomenda". — "E deu uma olhada ao espelho para ver-se com a trança caída." Machado de Assis. "Quincas Borba", 106.

Em relação aos verbos reflexivos é de notar que, por essa denominação, já se entende o verbo com o pronome, tornando-se por consequente desnecessário analysar este ultimo, o qual, no entanto, serve de objecto directo.

Os verbos reflexivos exprimem ás vezes reciprocidade, segundo se vê em *nós nos amamos*, *João e Pedro encontraram-se*. Estes exemplos: "Supponhamos a necessidade de se acotovelarem para ficarem melhor acomodados". M. de Assis. "Esaú e Jacob", 49. — "Muitas vezes os dois espiritos, o da luz e o das trevas, vestem, formam-se, e se guereiam, e que mortaes que se guereiam, e que ambos se chamam nossos amigos". Herculano. "Monge de Cister", I, 112. — "Ali verão as estridentes reciprocidades". "Elles entreolharam-se".

Devem ser considerados pronominaes os verbos pronominaes, que ora exigem completo, ora pedem objecto directo. Nas posições *acho-me feliz*, *fingiu-se doente*, *mantiveram-se firmes*, servem de complementos os termos *feliz*, *doente*, *firmes*.

Analisando as proposições *elle reserva-se o direito de julgar*, *ella attribue-se qualidades preciosas*, *permittio-me fazer isso*, depa-ram-se nos as expressões *reserva-se*, *attribue-se*, *permittio-me*, os quaes, rectos dos verbos *reserva-se*, *attribue-se*, *permittio-me*, são verbos pronominaes activos. O argumentos de que taes objectos se fazem directos, poderiam ser sem- pre substituídos pelos casos pronominaes o e os, quando da ter- ceira pessoa; é imprudente, visto: como elles são objectos directos, exclusivamente por causa da função que exercem. Entre- tanto, usando da forma analytica a si em vez de se, poderemos dizer *elle o reserva a si*, *ella as attribue a si*.

Ha verbos pronominaes intransitivos, como *evolar-se*, *volar*; *fl- nhar-se*, *morrer*; *rir-se*, *rir*.

Conforme acabamos de ver, a classificação dos verbos pronominaes é a mesma dos verbos em geral. *De quem se trata* o sujeito? *Do que se trata* o objecto? *Do pronome se* trata o verbo.

O assumpto precedente levamos a tratar de um caso muito debatido, o do pronome se como sujeito. Dizem os grammaticos, que elle não pode exercer tal função. Não se trata propriamente de ser regido de preposição, mas, apesar disso, ha construcções como esta: "Estiveram na festa para mais de duas mil pessoas". Em algumas sentenças como fun-cciona o pronome se, eis o que se quer saber.

Tomemos um exemplo de Castilho, "o maior classico da nossa lingua no seculo dezanove, segun- do Ruy Barbosa": "Na idade em que estamos, tem-se a cabeça mais dura; e a mão mais rija". "Collo- quios Aldões", 98. Qual o sujeito no periodo? Não é sujeito do

verbo *tem*, o pronome *se*? Con- servando o sentido, substituímos o mesmo por um seu synonymo: *ella a gente tem a cabeça mais dura*. *Gente* é, inegavelmente, o sujeito. Observe-se que, no caso de conservar o pronome *se*, é in- admissivel submeter qualquer sujeito, não se dizendo *a gente tem-se*. Si empregamos o plural, havemos de dizer *nós temos*, o que prova não ser pronominal o verbo.

O pronome *se*, possa ou não possa ser, é realmente o sujeito de *tem*, na preposição citada. Mesmo que um facto seja inexplicavel, não deixa de ser um facto, assim se exprime notavel philoso- pho.

Os distinctos philólogos M. Said Ali e O. Motta procuraram analysar de forma differente esta pas- sagem de Castilho: "por tudo isto se admira a Vieira; a Bernardes admira-se e ama-se". Nenhum del- les admite o *se* como sujeito.

Em certas sentenças, convém lembrar, *se* synonymas as ex- pressões *a gente e nós*: "A gente ama ou nós amamos a virtude". O pronome *se* pode equivaler, adstringendo-nos ao numero do verbo, á expressão *a gente*: "... se admira a Vieira; a Bernardes admira-se e ama-se", são proposi- ções que correspondem a estou- tras: "*a gente* admira a Vieira; *a gente* admira e ama a Bernar- des". Assim como, nestas propo- sições, serve de sujeito *a gente*, naquellas serve de sujeito o pro- nome *se*.

Si assim não fosse, *ama-se* ou *admira-se* seria verbo pronomi- nal, e admitiria sujeito. De-se agora sujeito a proposição "*elle ama-se a Bernardes*". Sendo, acti- vo o verbo, *elle* é quem *ama-se a Bernardes*. Não está certo. Si a forma é reflexiva, tanto peor, *elle ama a si a Bernardes*. Considerando-a passiva, *elle é amado a Bernardes*. Attente-se em que o sujeito não pode ser subentendi- do, exactamente por causa do *se*,

tanto que, suprimido este, será admissivel aquelle. *se* é *indivisivel*. Na proposição *vive-se*, por ex- emplo, admittamos agora que o pronome *se* não é sujeito: Que será *elle*? Não é predicado, nem adjuncto, e adjectivo, e tão pouco adjuncto adverbial. Objecto direc- to ou indirecto? Ninguém quer que *elle* o seja. E adjuncto predi- cativo ou completo? Não, não, que absurdo! Consequencia: ou está incompleta a classificação dos elementos da proposição, ou o *se* é um inclassificavel. Nem- hum das duas coisas; nem está incompleta a classificação, nem o *se* merece tal qualificativo. O sentido exige a sua presença na proposição, a qual, sem elle, como sujeito, é que ficaria incompleta.

Particularidades syntacticas

Finaliza hoje a parte de meu trabalho, quiz tem por titulo "co- mo se estuda a lingua".

Apresentei-vos, na primeira au- la, uma nova base desse estudo, que consiste no sentido das ex- pressões, tomado como principio orientador dos factos da lingua- gem.

Admittido esse principio, ter- se-a o melhor criterio para resol- ver os casos grammaticos. A co- meçar pela classificação das pa- lavras, tudo se resolverá cabal- mente, desde que nos guíemos pelo sentido. Quando a este crite- rio queremos superpor outros mo- tivos, então surgem as complica- ções, que somente servem para desorientar o estudo. Nenhum pro- veito estimavel poderemos aue- rir da leitura, da analyse e da composição, si nesses exercicios deixarmos de attender antes de ir- dindo ao sentido.

Na segunda aula, encarando a syntaxe sob novo aspecto, extra- nhiei que os grammaticos meos- prezem a composição, esquecen- do-se de inserir-la em seu texto, quando ella constitue o fim im- mediato do estado da lingua. Ora,

a grammatica ha de por em logar de honra o seu objectivo, que é ensinar a escrever e falar bem, e dahi o dever de methodizar os exercicios de composicao, collocando-os ao lado da analyse.

«Eu vos offereci, na 3.ª aula, a par da analyse lexica e logica, a analyse interpretativa do texto, exercicio de real eficiencia para o desenvolvimento intellectual. Tivestes ensino de apreciação de vida, e por occasião do curso, a que ha pouco vos submetestes, occupai-me em quarta aula, do valor da leitura methodica, que é uma fonte perenne de conhecimentos; onde o espirito pode abeberar-se á vontade. Apredeí-vos, então, a biblioteca, como a escola permanente, como a verdadeira guardadora do precioso cabedal, que é a instrucção.

O estudo do vocabulario foi tratado sob varios aspectos, na quinta aula. Referi-me aos lexicos da lingua, nenhum dos quaes satisfaz as exigencias da actualidade, si bem sejam dignos de estudo, apreço, e puz em relevo a falla sensível de um dictionario analogico, que constitue innegavelmente o meio mais prompto de fornecer os vocabulos requeridos pela expressao exacta do pensamento. Eu vos disse que estou publicando um vocabulario analogico, primeiro subsidio, ao que me parece, para a elaboração do referido dictionario.

A questão orthographica serviu de thema á sexta aula. Aduzi as razões, á meu ver, conclucentes, que estão reclamando a reforma da orthographia de nossa lingua, e bem da instrucção popular. Conforme se acha inteiramente anarchizada, a orthographia, difficilissima, o ensino da leitura, da escripta e da lingua. Por esse motivo tracei em rapidas linhas um plano, concorrente a tão relevante problema.

Na penultima aula, expliquei um processo de resolver os casos

controversos da lingua. Estudei os verbos pronominaes, mostrando que elles tem classificaçao igual á dos outros verbos. Como consequencia desse estudo, julgo ter aclarado um dos casos mais controversos da lingua, o pronome se na funcção de sujeito.

O ponto de hoje intitula-se "particularidades syntacticas". Antes de tratar delle, quero ainda deter-me na epigrapha geral da primeira parte destas preleções.

«Eu vos offereci, na 3.ª aula, a par da analyse lexica e logica, a analyse interpretativa do texto, exercicio de real eficiencia para o desenvolvimento intellectual.

Tivestes ensino de apreciação de vida, e por occasião do curso, a que ha pouco vos submetestes, occupai-me em quarta aula, do valor da leitura methodica, que é uma fonte perenne de conhecimentos; onde o espirito pode abeberar-se á vontade. Apredeí-vos, então, a biblioteca, como a escola permanente, como a verdadeira guardadora do precioso cabedal, que é a instrucção.

O estudo do vocabulario foi tratado sob varios aspectos, na quinta aula. Referi-me aos lexicos da lingua, nenhum dos quaes satisfaz as exigencias da actualidade, si bem sejam dignos de estudo, apreço, e puz em relevo a falla sensível de um dictionario analogico, que constitue innegavelmente o meio mais prompto de fornecer os vocabulos requeridos pela expressao exacta do pensamento. Eu vos disse que estou publicando um vocabulario analogico, primeiro subsidio, ao que me parece, para a elaboração do referido dictionario.

A questão orthographica serviu de thema á sexta aula. Aduzi as razões, á meu ver, conclucentes, que estão reclamando a reforma da orthographia de nossa lingua, e bem da instrucção popular. Conforme se acha inteiramente anarchizada, a orthographia, difficilissima, o ensino da leitura, da escripta e da lingua. Por esse motivo tracei em rapidas linhas um plano, concorrente a tão relevante problema.

Na penultima aula, expliquei um processo de resolver os casos

ras, de vossas observações, de vossas experiencias. Não deixeis que delle se perca nenhuma pepita. Determinae o quillate desse ouro, guardae-o em perfeita ordem, de modo que possaes utilizal-o convenientemente, sempre que se fizer necessario.

Particularidades syntacticas

A esse assumpto eu dedico muitas paginas em minha grammatica. Não intento reproduzir nesta aula nenhum dos casos ali tratados. Vós mesmos, em vossos estudos, é que deveis observar, interpretar e registrar os factos da lingua.

Recomendei-vos, em uma das aulas, a leitura de dez obras seccionadas. Lede cada uma com a maxima attenção, extrahi as vossas notas, ghyphando os terminos ou as phrases que as motivaram. Finda a leitura, redigi uma apreciação succinta do valor da obra, referindo-vos á impressao que ella deixou em vosso espirito. Em seguida, passae cuidadosamente para o caderno, tanto as notas, como a apreciação.

Assim, haveis lido realmente um bom livro; tereis assimilado bem o seu contexto; sentireis o vosso espirito fortalecido. E á medida que fordes lendo mais livros, não só da literatura vernacula, mas tambem da sciencia pedagogica, todos elles escolhidos, ireis afinando a vossa intelligencia, de tal forma que ella penetrará, cada vez mais presientemente, nos segredos de vossos estudos.

Vou dar-vos, neste momento, as notas que, faz não poucos annos, extrahi de um livro interessante pelo seu assumpto educativo e pela sua lingua de finissimo labor. Intitula-se esse livro "Colloquios aideos", da lavra do insigne escriptor francez M. de Courmenin, primorosamente traduzido pelo Visconde de Castilho. E, além disso, obra premiada pela Academia Franceza.

Não darei todas as notas tiradas do livro, o que nos levaria muito longe, mas algumas dellas, até á pagina 81. Melhor será que procureis obter a mencionada obra, muito digna de ser lida.

De vez em quando, dae balance em vosso peculo intellectual: notas de leitura, escriptos publicados e inéditos, correspondencia de certo valor, planos de trabalho a executar, acção exercida no cargo, resultados obtidos, etc.

Não vos esqueçaes da bibliotheca, por pequenina que ella seja: os livros que já lestes, aquelles que convém rereer, os que estaes lendo, os que pretendeis ler.

Abri a nova fase de vossa vida com o caderno referente a este curso. Registrae nas primeiras paginas a data inaugural do curso, os nomes dos professores e dos collegas; pregae nas outras paginas as lições que foram ministradas e que têm sido publicadas pela imprensa; consignae tambem, si assim quizerdes, as vossas impressões. São momentos preciosos de vossa vida, que devem ser guardados como reliquias, vozes evocadoras de gratas recordações.

Essas vozes hão de segredar-vos, eu acredito, que viver mais e melhor é ter vida intellectual. Esta nos faz conviver com os mais altos espiritos da humanidade.

Aprender com elles é a honra mais insigne, é o prazer mais puro, é a maxima recompensa. Procurae comprehendel-os, mergulhae no pensamento delles, assim como o oceanographista, dentro do submarino, mergulha no mar para conhecer as bellezas que elle esconde em suas profundezas.

Entretanto, reflecte bem, o livro não é um oraculo, nem o estudo um privilegio. Compreendidos como devem ser, elles, darão maior amplitude á vossa liberdade de espirito, agora illuminada pelo saber, afim de que possaes

São estas as notas, devidamente numeradas:

1. Com o suor de seu rosto. X.
2. Quem sabe, si do amor *the não* provinhão cruzes! XII.
3. Cada um observado *per si*. XVI.
4. *Que lhe falta?* o *apreciar-mot-a*, e *sabel-a*. XVIII
5. As primeiras badaladas das *Ave Marias*. XX.
6. Avergado com as pavêas da *acéifa*. XX.
7. Um rustico que sabe ler, escrever, contar e desenhar, leva com o arado o rego mais direito, pôda melhor as arvôres, e sahê-lhe mais vicosas; edifica ou conta certa a casa com mais segurança e economia, conhece melhor os modos de cultivar, e o trato dos animais; vende, aluga, compra, permuta, empresta, hypotheca, e arranja os seus negócios com maior acerto e mais lucro. 3.
8. Si é *pae de familias*. 3. — Todos os *paes de familias*. 39. — As *mães de familias*. 81.
9. *Numa palavra*, não querem escolas muito cheias. 7.
10. Os vapores *pestilentés*. 10.
11. Assim *havia de haver* professores bem educados, 14.
12. Os *mestre-escolas*. 17.
13. As paredes da aula estão nuas: *nem meio mappa geographico* lá se enxerga. 19.
14. Lembrae-vos que o bom soldado ha de ser robusto, e que ninguém o é sem temperança e sobriedade. 24.
15. *Ajudae-lhe* a levar a sua cruz. 24.
16. Vivei unidos: a união é a unica força dos pequenos e fracos. 25.
17. Dar que fazer, é mais e melhor que dar dinheiro; é a *caridade das caridades*. 28.
18. Si não dormis horas largas, isso que dormis, é a *bom levar*. 30.
19. Nada disso *faz com que* um rico seja mais afortunado que o mínimo dos vizinhos. 30.
20. A primeira necessidade do povo, abaixo do viver, é a instrução.

ção. O pão alimenta o corpo, a leitura alimenta o espirito. 40.

21. Os paes tiram os filhos da escola para os metter sem folga nas lides do campo. Desde logo, *adeus* escolas, livros, tinta, penas, papel, leitura, escripta e contas. 44.
22. Arrostar-vos com as dificuldades a *uma e uma*, até as levardes todas de vencida. 50.
23. Todas as manhãs, e todas as tardes, os bentos sinos da igreja estremecem os ares, e lá vão desparzindo com seu *tin-tin* saudoso até aos casalinhos mais remotos e emboscados, pregões e lembranças do Creador. 58.
24. Que outra cousa nos não dizem as plantas a germinar, as matias rumoreando. 59.
25. O *batir* innocente dos rebanhos. 59.
26. A *calada* das noites. 60.
27. Tão dispersos e sumidos por *pópoas e casatejos*. 61.
28. E como alli se assentam nos mesmos bancos, *muito não por mdo*, e conchegadas umas com outras, travam entre si conhecimentos e amizades. 63.
29. O que das *raparigas* digo, aos rapazes se pode tambem em parte applicar. 63.
30. Si redigem algum acto civil ou administrativo, é lá *uma vez na vida*, e vão-se metter na faberina a bebericar com os outros. 64.
31. Desse feitiço perdem, ora um, ora outro, um dia de jornal. 69.
32. *Que é o que fazes delles?* 70.
33. Os que são mais pequeninos, ha uma servente que os leva e torna a trazer. 75.
34. Uma mestra, *uma ajudanta* da mesma, etc. 79.
35. A maior parte nem sequer podem pagar a uma mestra de meninas. 79.
36. Os rapazes e as raparigas de sete a oito annos. 80.
37. Outro tanto *não succede* ás creanças de dois até seis. 80.
38. Caminhos destruidos! ribeiras de monte a monte! pontes de

cois Guex: "O mestre-escola brutal, que foi Hauberle, depois de meio seculo de bons e leaes serviços, podia gabar-se de ter infligido aos alumnos 2161572 castigos corporaes diversos!"

Em nossos dias, apesar das luzes da civilização, as creanças ainda soffrem. Mas, quanto praezer nos causa verificar que a sorte dellas vae melhorando dia a dia, e que tanto os governos como os povos já reconhecem ser o mais relevante dos serviços a educação da infancia!

A palavra de Jesus,—"não desprezeis algum desses pequeninos", — levou seculos a ser comprehendida, e sómente hoje começa a ser praticada. O menino não é mais, conforme era em toda a parte, um ser desconhecido, a quem tratavam, ou como adulto ou como escravo, porém, sempre cercado a sua liberdade, a sua actividade, os seus interesses actuaes.

A propria escola moderna, com o seu nome de *cadeira*, está inculcando a sedentariedade, e o cathedratico, o mais graduado dos professores, está a lembrar-nos a *cathedra*, onde elle se assenta.

No entanto, a escola activa já existia desde sempre, mas qual novo continente por descobrir. Não era ella sinão as proprias creanças, "cada qual um feixe de actividades á procura de expressão", na phrase incisiva de Francisco Campos. Felizmente, surgiram Colombos e descobriam a escola activa, para as creanças verdadeira terra da promissão.

A escola activa está dentro das paginas da reforma do ensino. Lêde e relêde essas paginas. A aula tem ali definição exacta. "Uma lição não pode ser um monologo, porque presuppõe duas personagens: uma lição é uma collaboração, um trabalho em commun, um entendimento reciproco, uma cooperação de intelligencias."

Encontreis a referida escola "Catecismo da Escola Activa",

uma só laboa, e escorregadias, que é ir com o credo na bocca! 81.

38... enfim um asylo, fosse como fosse, guardado, e vigiado por uma feitoria saudavel, mulher de proposito e termos, e sollicita? 81.

39. Alli se havia de ensinar ás pequenas a fiar, a coser, a embalar, a fazer meia, a marcar; a concertar os seus fatinhos; a trazerem limpas as mãos, a cara e a roupa; a rezar; e a serem obedientes. 81.

40. Aos rapazes ensinar-lhes-las, e porque não? a fazer meia, coser e marcar, tal e qual como as raparigas. 81.

A aula da escola activa

Entramos na segunda parte de nosso trabalho, a qual tem por titulo "como se ensina a lingua". A aula da escola activa é o ponto desta lição.

Porque nosso ensino concerne á lingua vernacula, podemos começar por um classico, o padre Manoel Bemardes, em "Nova Floresta", II, 275 e 289: "Não é menor a *aula* de um summo pontifico, do que a do imperador; e da *aula* do imperador conla um politico, entre officiaes e magistrados, mais de quatrocentos e quarenta nomes". — "Qual é o vicio que mais domina nos *aulecos* ou palacianos? Digo, sem deter-me, que a ambição, tronco destes dois ramos: adulação e calunnia. Quem não sabe destes dois vicios, não serve para a *aula*".

Das citações bem se vê que *aula* era synonymo de palacio. Passando a significar *escola*, ella conservou em parte a antiga synonymia. O mestre, na aula, imperou por longos annos como rei absoluto, do qual os alumnos eram miserios subditos. Basta um só facto para dar idea dos soffrimentos horribes, por que passaram as creanças: Conta-nos Fran-

em uma obra recomendável, o pelo professor José Escobar. Ahí, referindo-se ao interesse, elle so-mete por dizer: "Uma das leis gerais da psychologia é a lei da unidade ou da solidariedade geral do organismo, que se manifesta sob a forma de interesse, isto é, o interesse é o elemento unificador do organismo". E conclue, afirmando: "O interesse é a chave da educação."

Ferrière apresenta, além delle próprio, estes quatro pedagogistas, que comprehendem com a maxima nitidez o fundamento do programma da escola activa: John Dewey, nos Estados Unidos; o dr. Decroly, na Belgica; Jan Lighart, na Hollanda; W. A. Lay, na Alemanha. Não vos será difficil ler a obra de Ferrière, "L'Ecole Active".

O prof. Escobar, á pergunta que elle mesmo faz: "É possível officializar a escola activa no Brasil?" Assim responde: "Num futuro remoto. A praticada por Ferrière, cara e incomprehensivel á rotina popular, deve ser tentada desde já pelas escolas particulares, ricas."

Apraz-me divergir dessa opinião, nas linhas subsequentes.

A nossa escola activa

A nossa escola activa será aquella, cujo professor conhece cada um de seus alumnos; a familia do menino; o ambiente familiar; a casa de residencia; suas condições hygienicas; grau de intelligencia do alumno; qual o seu character; si é sadio e asseado; si tem boa alimentação; a que horas se deita e se levanta; si dorme em quarto arejado; si fuma ou tem outro vicio; si é feliz ou infeliz.

Certa vez, sendo eu director de grupo, levaram-se um pequeno indisciplinado. Conhecia-o muito bem, e por isso perguntei-lhe: "Já almoçou?" E a pena, que lhe impuz, consistiu em dar-lhe de comer. Outra vez, mandaram-me um menino, que dormia na aula. Seu

padrasto o accordava de madrugada para ir trabalhar. Antes de tudo, cumpria tratar do sono desse coladinho, e assim se fez. Conhecer cada um dos alumnos, eis o primeiro dever do professor.

Não basta conhecer cada alumno separadamente: importa conhecer os alumnos entre si, na sua convivencia, no seu collegismo, na sua collaboração.

Qual a attitudé da classe para commigo? De tal pergunta, o professor dará resposta a si mesmo.

Em caso algum, elle ha de ser uma cruz para a sua classe, por que esta tambem se transformará em cruz para elle. Si o jardineiro não cuida do jardim, este se converte em um matagal. A classe será um matagal erigido de espinhos, si o professor não tratar della.

A liberdade dos alumnos, essencial á escola activa, não se commete com o abandono, a que o mau jardineiro deixa o jardim. Para crescer, as flores tambem precisam de liberdade, mas esta desaparece, quando o mato se senhoreia dos canteiros. O mato é culpa do jardineiro, assim como a indisciplina é culpa do professor.

A liberdade não causa indisciplina. Esta é o conflicto entre a escola activa, naturalmente representada pelos alumnos, e a escola passiva, creada pelo professor. Todo o mundo extranha que este seja tuberculoso, podendo transmitir tão horrivel molestia; quasi ninguem extranha que elle seja roineiro, podendo, transmitir tão terrivel mal. A rotina é enfermidade, filha de máe conhecidíssima, contra a qual se faz necessaria uma cruzada.

O professorado mineiro já comecou essa cruzada: resta continuar a essa cruzada, e confiamos em seus resultados. Far-se-á desde já a escola activa, independentemente de qualquer systema. Uma parte da escola activa, torno a dizer já existe: são as proprias

creanças; falta a outra parte: o professor.

O qualificativo está a dizer que a escola activa é de actividade, acção ou trabalho. Por isso mesmo, a sala de aula ha de ter aspecto de officina, de laboratorio e de gabinete. Na ornamentação e arranjo, na conservação da mobilia, na organização do museu e da bibliotheca, em tudo que lhe disser respeito, a sala de aula, por si mesma, offerrecerá aos alumnos oportunidades de exercitar a iniciativa, a cooperação, o bom gosto, a sociabilidade.

E porque o alumno é um intuitivo, a sala de aula não se restringirá ás suas paredes, mas alargará-se á pelos arredores, levando até ali o ensino por meio das excursões. A sede escolar inteira ficará incorporada á escola como um valioso museu, que será devidamente catalogado, afim de melhor servir aos alumnos, quando quizerem observar-o.

Acham-se implicitamente definidas, nas linhas anteriores, as attitudés do professor para com os alumnos. Uma das qualidades primicias do professor é a energia, e a outra qualidade, igual a essa, é o methodo. Já tive occasião de escrever isso, mas convem repetir.

A palavra *energia*, equivalente pela sua formação a *em trabalho*, costuma ser interpretada no sentido de violencia, de coacção á liberdade. Não deturpemos jamais tão bella palavra. "A verdadeira energia, diz Blangumon, é feita de intelligencia e de amor, tanto quanto de vontade. Ella suppõe uma percepção clara do cuidado de seu bem-estar, a vontade de fazer que elle o alcance e de obter que elle collabore, o mais possível, em sua propria educação". Podemos dizer que o professor sem energia, não está

presente á aula, não está *em trabalho*.

Quanto ao methodo que devemos adoptar, Paul Bernard responde-nos: "É o methodo (chamae-lhe á vossa vontade: activo, inventivo, suggestivo, experimental, interrogativo, intuitivo, etc), que substitue na medida do possível a passividade pela actividade; que obriga o alumno, não somente a olhar e a escutar, mas tambem a exprimir-se, a traduzir-se pela palavra, pelo desenho, pela composição, pela manipulação, por meio da acção; que jamais priva o alumno do prazer, quando não seja de achar elle proprio o que se quer ensinar-lhe, pelo menos de vencer as difficuldades que elle mesmo pode resolver; que, solicitando a attenção aperceptiva, ligando systematicamente o novo ao antigo, o distante ao proximo, o desconhecido ao conhecido, alargando gradualmente o circulo das idéas bom comprehendidas, mantendo com cuidado a ordem, a coordenação das noções ensinadas, forma espiritos coherentes e activos."

A escola activa precisa de professores, que estejam sinceramente empenhados em conhecê-la, prezal-a e servil-a.

Elles hão de formar para os alumnos uma atmosphera de liberdade, "a qual, no dizer da doutora Montessori, deve ter por limite o interesse colectivo e como *forma* o que chamamos educação das maneiras e dos actos."

Elles hão de estudar e comprehender, especialmente, todo o capitulo psycho-pedagogico dos interesses das creanças, para o fim de aproveitá-las no ensino, attendendo aos mesmos e desenvolvendo-os a bem da instrução.

Elles hão de preparar as lições, não como o actor que decora o papel para recital-o com arte ou sem arte, antes qual o cli-

cerone intelligente, que não se prende a um programma inalteravel, porém, sabe flexibilizar-o convenientemente, para melhor servir ao excursionista. Um preparo de lição, claro está, não pode equivaler à lição, porque aquelle depende só do professor, ao passo que esta depende também dos alumnos.

Em uma palavra, os professores hão de tonar-se profissionais do ensino, verdadeiros advogados da causa dos alumnos.

A escola activa precisa da colaboração dos paes e das mães de familia.

A reforma do ensino quer que a escola seja uma sociedade em miniatura. Dando outro sentido á expressão, posso dizer que, além do professor e dos alumnos, são socios dessa sociedade os paes e as mães de familia. Ora, não se admite deixarem os socios de concorrer para o bem da sociedade a que pertencem. Ao gerente da sociedade, que é o professor, incumbem fazer dos alumnos intermediarios junto das familias, para grangear a colaboração dellas. Por meio dos filhos, que são os alumnos, educados na escola activa, esta conseguirá a referida operação.

A escola ainda não se faz conhecida dos alumnos, porque tem estado fóra do circulo de seus interesses, quando somente por intermedio dellles poderá aproximar-se das familias, sendo este o primeiro passo para a colaboração. Assim que a escola aliar-se realmente aos alumnos, abraçando os seus interesses e deixando-os expandir-se dentro da liberdade, só então a escola ficará superior ao periodo, mais querida do que as ferias, conforme deve ser. Isto é muito significativo: com que alvoroço, de alegria são recebidas as ferias, e com que falta de expansão é quasi sempre recebida a escola!

A escola activa precisa de inspectores que a conheçam profundamente e possam apresental-a aos professores, sempre que for necessario.

O inspector não ha de ter apenas olhos para ver a escola, ouvidos para escutar as aulas, mãos para escrever relatorios: ha de ter, outrossim, lingua para dar aulas-modelo, e um espirito bem formado para mostrar o caminho da educação das crianças.

Certa vez, ouvi uma discussão sobre si o inspector era funcionario de categoria superior á do professor. Parece-me que isso corresponde ao reverso da medallha, e que é mais acertado observar a face da mesma. A categoria faz lembrar quasi sempre os direitos e a educação da preferéncia aos deveres.

Colloquemos de outra fórma a questão: São superiores aos do professor os deveres do assistente tecnico? Quero crer que se podem considerar iguaes. A educação é a igualdade por excellencia.

Na occasião da grande guerra, achava-se á janella de um hotel, na Suissa, o correspondente de um jornal do Rio, que relatou o caso. A elle perguntou o gerente do hotel: "O sr. está vendo aquelle grupo de tres homens?" — "Está alli?" — Aquelle, apontou o hoteleiro, é um dos mais ricos banqueiros de nosso paiz; aquell'outro é professor da Universidade; o terceiro é um marceneiro. Os tres são amigos intimos; foi a educação que os aglutinou.

E' preferivel encarrar a face da medallha. Ao penetrar na escola, lembrae-vos de vossos deveres e esquecei-vos de vossos direitos. Sois servidores da educação, tal qual o professor. Não ides somente colher impressões, ides também deixal-as.

Com que concorri eu para a escola na minha visita? Ferei deitado o professor mais animado em seu trabalho? Que coisa de utilidade deixei para os alumnos? Em tudo e por tudo soube responder á confiança em mim depositada? Taes as perguntas, estas e outras, que deveis dirigit á vossa consciencia.

A nossa escola activa, eis a boa nova que ireis levar pelo nosso Estado, eis o novo evangelho da educação que ireis pregar.

Grupo da lingua patria

Attingimos o ponto, que se denomina "grupo da lingua patria".

Assim como nos ufamamos da grandeza territorial de nosso paiz, das suas riquezas naturaes, da extraordinaria energia hydraulica de que elle dispõe, assim também podemos ufanar-nos da lingua patria. E' esta o mais forte liame da federação brasileira, falada em todo o territorio nacional, sem differenças dialectaes, possuidora de uma litteratura variada e grande, enriquecida de termos expressivos de nosso progresso, ensinada em innumeras escolas, que se desparzem pelo paiz inteiro.

Sob o aspecto litterario ou philologico, apraz-nos assignalar que a lingua patria possui nomes emnentes, obras de valor, compendios preciosos. Basta citar, dos que passaram á eternidade, os nomes de Gonçalves Dias, Casiro Alves, Raymundo Correia, Olavo Bilac e Vicente de Carvalho, entre os poetas, bem como os de José de Alencar, Visconde de Taunay, Encydes da Cunha, Machado de Assis e Ruy Barbosa, entre os prosadores.

Mas, não é da lingua falada pelo povo, nem da lingua cantada ou cultivada pelos poetas e prosadores, que me cabe tratar na presente aula. E' da lingua ensinada em nossas escolas que eu quero me occupar, principalmente do

ensino ministrado no curso primario.

Tive ensejo de ler uma estatistica comparativa do ensino da lingua vernacula nas republicas sul-americanas. O Brasil era, entre todos esses paizes, o que destinava menos tempo ao ensino do vernaculo. Certa ou errada a estatistica, não ha duvida de que, em o nosso paiz, é insufficiente o tempo concedido ao ensino da lingua patria.

Urge organizar melhor esse ensino, quer nos cursos secundarios, quer nos institutos nomnaes. Em primeiro lugar, as aulas devem ser diarias para cada uma das classes, e o ensino deve ser presntado de modo integral, abrangendo de todos os annos do Gymnasio e indo ter ao curso de applicação da Escola Normal.

Convém notar que a lingua portugueza está emancipada. Seu reconhecimento, para bem maneja-la, não requer o estudo do latim. O ensino do vernaculo ha de limitar-se a grammatica expositiva, ahí incluídos os exercicios de composição e a frequencia regular da bibliotheca. Falando, redigindo, lendo e analysando, durante todo o curso, independentemente do latim, poderemos menear com facilidade, clareza, correção e elegancia a lingua patria. De outra sorte, ainda que estude a grammatica historica, não conseguirá manusear bem a lingua aquelle que completou o curso sem haver compulsado certo numero de obras litterarias, sem ter realizado frequentes exercicios de composição, sem estar habilitado na analyse.

A grammatica historica deverá fazer parte de um curso superior de letras, cuja criação está sendo exigida pelos creditos da cultura nacional. Frequentando esse curso depois de haver prestado exames finais de portuguez e de latim, já então estará o alumno preparado para effectuar o estudo